


## Percepção avaliativa e atitudes linguísticas de santanenses sobre sua própria fala /

### *Percepción valorativa y actitudes lingüísticas de los santanenses sobre su propio habla*


*Geicilayne Tavares Pelayes\**

Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Especialista em Linguística Aplicada pela Faculdade Única de Ipatinga e Especialista em Ensino de Língua Inglesa pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Atuou como professora da Rede Estadual de Ensino de Alagoas. Atuou como tutora no curso de Letras na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atuou como professora no Instituto Federal de Alagoas, Campus Santana do Ipanema. Atualmente é bolsista da FAPEAL.

 <https://orcid.org/0000-0002-2121-4070>

*Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vítório\*\**

Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2005), Especialização em Linguística e Ensino do Português pela Universidade Federal do Ceará (2006), Mestrado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (2008) e Doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (2012). É professora de Linguística da Universidade Federal de Alagoas - Campus Maceió e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. Coordena o grupo de pesquisa Sociolinguística, variação, significados sociais e ensino.

 <https://orcid.org/0000-0002-6279-2379>

**Recebido** em 22 nov. 2024. **Aprovado** em: 12 mar. 2025.

#### Como citar este artigo:

PELAYES, Geicilayne Tavares; VITORIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Percepção avaliativa e atitudes linguísticas de santanenses sobre sua própria fala. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 1, e4889, dez. 2024. DOI: 10.5281/zenodo.17070550

---

\*

 [geicilaynepelayes@gmail.com](mailto:geicilaynepelayes@gmail.com)

\*\*

 [elyne.vitorio@fale.ufal.br](mailto:elyne.vitorio@fale.ufal.br)

**RESUMO**

O presente estudo objetiva analisar as manifestações de atitudes linguísticas de falantes de Santana do Ipanema – AL em relação à sua própria fala e ao Português Brasileiro (PB), de modo geral, junto às reflexões de Oushiro (2021), Vitório (2020), Pelayes (2022), entre outros. As análises ancoram-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]) na perspectiva da percepção linguística. Para tal, trabalhamos com aspectos de natureza qualitativa e quantitativa, considerando o método descritivo e interpretativista. Os questionamentos se deram através de abordagem direta sobre a diversidade linguística, de modo geral, e o fenômeno da palatalização em contexto fonológico regressivo e progressivo. A análise dos dados foi feita com o auxílio do programa Excel, ao passo que foram feitas nuvens de palavras para ilustrar as respostas fornecidas pelos colaboradores da pesquisa. Após a análise, identificamos que os santanenses apresentam atitudes de pertencimento em relação ao sotaque nordestino, de modo geral, no entanto, demonstram atitudes negativas em relação à aceitação da palatalização regressiva, haja vista a atribuição desta como um uso alheio à comunidade de fala. Apesar de seguir o mesmo sentido, a produção da variante palatalizada em contexto fonológico progressivo, além de não ser aceita como uso da comunidade estudada, é caracterizada como “incorreta”, “feia”, entre outros atributos negativos, evidenciando a pressão social presente em tal uso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Avaliação; Percepção; Atitudes; Sociolinguística.

**RESUMEN**

*El presente estudio tiene como objetivo analizar las manifestaciones de actitudes lingüísticas de los hablantes de Santana do Ipanema – AL en relación con su propio habla y el portugués brasileño (BP), en general, junto con las reflexiones de Oushiro (2021), VITÓRIO (2020), PELAYES (2022), entre otros. Los análisis están anclados en los supuestos teórico-metodológicos de la Sociolingüística Variacionista (Labov, 2008 [1972]) desde la perspectiva de la percepción lingüística. Para ello se trabaja con aspectos de carácter cualitativo y cuantitativo, considerando el método descriptivo e interpretativo. Las preguntas se formularon a través de un acercamiento directo a la diversidad lingüística, en general, y al fenómeno de la palatalización en un contexto fonológico regresivo y progresivo. El análisis de los datos se realizó con ayuda del programa Excel, mientras que se crearon nubes de palabras para ilustrar las respuestas proporcionadas por los colaboradores de la investigación. Después del análisis, identificamos que los santanenses presentan actitudes de pertenencia hacia el acento nordestino, sin embargo, demuestran actitudes negativas hacia la aceptación de la palatalización regresiva, dada la atribución de este como un uso fuera de la comunidad de habla. A pesar de seguir el mismo sentido, la producción de la variante palatalizada en un contexto fonológico progresivo, además de no ser aceptada como uso por la comunidad estudiada, se caracteriza como “incorrecta”, “fea”, entre otros atributos negativos, resaltando la presión social presente en dicho uso*

**PALABRAS CLAVE:** Evaluación; Percepción; Actitudes; Sociolingüística.

**1 Introdução**

A ascensão de estudos sob a ótica da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]) é evidente no Brasil, em sua maioria, são voltados para a produção dos fenômenos linguísticos e sua relação com restrições linguísticas e sociais, no entanto, as pesquisas que enfocam as situações em que os falantes demonstraram sua percepção sobre a língua e suas atitudes frente às situações de diversidade linguística tem ganhado cada dia mais espaço.

De acordo com Labov (2008 [1972]), os julgamentos sociais podem ser conscientes ou inconscientes, gerando três categorias de significação social: estereótipos, marcadores e indicadores. Estes significados sociais associados às formas variantes dependem de fatores externos como estilo, geografia, além de crenças e atitudes dos próprios falantes.

Este estudo se trata de um recorte de dados obtidos por Pelayes (2022) com a finalidade de analisar a produção da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em Santana do Ipanema, município do sertão alagoano. Apesar de a pesquisa supracitada não se tratar de um estudo sobre percepção e atitudes linguísticas, traz em seu roteiro de entrevista questões que abordam de forma direta a avaliação sobre a diversidade linguística, de modo amplo, e sobre a avaliação dos colaboradores de sua própria fala e do processo variável da palatalização, que, por motivos de enfoque de pesquisa, não foram aprofundados no estudo em questão.

Nosso ponto de partida é o de que há uma avaliação mais negativa no que diz respeito à palatalização progressiva em relação à realização regressiva, relevando, assim como no estudo de Vitória (2020) e Pelayes (2022), que este tipo de produção é estigmatizada na comunidade de fala. Contudo, retornamos e analisamos aqui este conjunto de avaliações feitas por 20 colaboradores santanenses sobre a diversidade linguística do PB e seu próprio uso em relação ao fenômeno da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/.

A fim de mensurar os valores sociais associados, principalmente, à palatalização de /t/ e /d/ por falantes santanenses, estruturamos este texto da seguinte forma: além desta seção introdutória, abordamos a seguir o uso da palatalização no interior de Alagoas; na seção seguinte, pontuamos algumas considerações sobre sociolinguística, percepção, avaliação e atitudes linguísticas, bem como descreveremos a metodologia adotada neste estudo; na seção seguinte, analisamos e discutimos os resultados obtidos, e, por fim, concluímos as discussões levantadas, ressaltando os pontos mais relevantes da análise.

## 2 A palatalização de /t/ e /d/ no interior de Alagoas

O processo de palatalização pelo qual passam os fonemas consonantais /t/ e /d/, consiste no levantamento da língua em direção à parte posterior do palato duro, ou seja, a língua direciona-se para uma posição anterior, mais para a frente da cavidade bucal do que normalmente ocorre quando se articula um determinado segmento consonantal. Em relação às oclusivas alveolares /t/ e /d/ essa palatalização pode acontecer em dois contextos fonológicos, a saber, regressivo, quando o segmento posterior engatilha o processo em itens como “tia” e “dia” e em contexto progressivo, quando o segmento anterior engatilha o processo em itens como “gosto” e “doido”.

Estudos sobre o fenômeno da palatalização tanto em contexto fonológico regressivo, quanto em contexto progressivo têm emergido no Nordeste brasileiro. Trabalhos como o de Hora (1990), Hora (1995), Mota (1995), Santos (1996), Mota e Rolemberg (1997), Henrique e Hora (2012), Souza Neto (2014), Oliveira (2017), Souza Neto (2020), Oliveira; Oliveira (2021) entre outros, são referência na descrição do processo de palatalização.

Pesquisas recentes como Vitório (2020), Oliveira; Oliveira (2021) e Pelayes (2022) abordam o fenômeno da palatalização no interior de Alagoas. De acordo com estes estudos, o fenômeno da palatalização em contexto fonológico progressivo é mais produtivo nas comunidades de fala estudadas em relação ao contexto regressivo.

Em seu estudo sobre o significado social da palatalização /t,d/ por estudantes universitários do agreste alagoano, Vitório (2020) aponta para uma avaliação positiva no que diz respeito à palatalização regressiva, enquanto em contexto progressivo, o mesmo fenômeno recebe uma avaliação negativa.

A pesquisa de Oliveira e Oliveira (2021) também constatou uma desvalorização social da palatalização progressiva, ao passo que fez uma tabela de produtividade deste fenômeno em sete cidades alagoanas, inclusive em Santana do Ipanema. Os autores constataram que há diferenças regionais expressivas no processo de palatalização e interferência evidente da escolarização em detrimento do fenômeno, uma vez que quanto maior a escolaridade dos falantes, menor é o uso da variante palatalizada.

O estudo de Pelayes (2022), que abordou o fenômeno da palatalização progressiva em Santana do Ipanema, constatou uma produtividade menor do fenômeno, 14,8% comparado ao uso da capital de Alagoas, Maceió, em torno de 30%. A autora apontou também uma possível desvalorização social no que diz respeito à palatalização progressiva na comunidade estudada, no entanto, não se aprofundou no assunto por questões de limitação da pesquisa.

Sendo assim, retornamos aos dados do estudo de Pelayes (2022) a fim de descrevê-los e analisá-los numa perspectiva da percepção e atitudes linguísticas dos colaboradores daquela pesquisa. Para tanto, focalizamos o problema empírico da avaliação linguística, que procura dar conta de como as variantes linguísticas são avaliadas em comunidades de fala, tomando por base as noções de percepção, avaliação e atitudes linguísticas.

### 3 Percepção, avaliação e atitudes linguísticas

A Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]) é um modelo teórico-metodológico que correlaciona as variações e mudanças da língua a fatores sociais, entendendo a importância que o indivíduo tem no processo de (re) construção da língua. Os estudos neste viés, geralmente, abordam as questões de produção dos fenômenos linguísticos variáveis e sua natureza social e são essenciais para demonstrar que há uma sistematicidade nos processos variáveis.

Os estudos sobre percepção, avaliação e atitudes linguísticas são relativamente recentes, trazendo à tona as questões voltadas para as crenças e julgamentos dos falantes sobre suas próprias falas ou sobre a fala da comunidade em que estão inseridos. Essas pesquisas, além de demonstrarem como os falantes se sentem quanto à norma linguística em uso podem explicar em que se enraízam os preconceitos linguísticos, a fim de combatê-los.

De acordo com Freitag *et al.* (2016, p. 65), “não basta saber como o brasileiro fala; é preciso também conhecer “como o brasileiro acha que fala”, seguindo pela perspectiva da sociolinguística da percepção”. Segundo as autoras, a percepção é um fenômeno que depende do julgamento dos falantes, podendo relacionar-se com fatores sociais e traços linguísticos, os quais constituem um “padrão de consciência social na comunidade”.

Para Labov (2008 [1972], p. 354) “nem todas as mudanças linguísticas recebem avaliação social explícita ou sequer reconhecimento. Algumas parecem ficar muito abaixo do nível das reações sociais explícitas”. Nesse sentido, apenas a identificação da avaliação social não é suficiente, é necessário adentrar no campo da percepção e das atitudes linguísticas que podem ser conceituadas como positivas ou negativas.

A esse respeito, Calvet (2002) ressalta:

Aqui, o que interessa à sociolinguística é o comportamento social que essa norma pode provocar. De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequência sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às ações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso, se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar. (CALVET, 2002, p.60-61)

A fim de classificar os diversos elementos envolvidos por meio da avaliação social dos falantes, Labov (2008 [1972]) distingue três tipos de variáveis: indicadores (traços linguísticos que não seguem um padrão estilístico e não possuem muita força avaliativa), marcadores (estão

abaixo do nível de consciência, mas produzem mais reações em testes, demonstrando mais força avaliativa que os indicadores) e estereótipos (formas socialmente marcadas e com muita força avaliativa pela sociedade). Nesse sentido, Vítório (2020, p. 209) ressalta que as variantes mais salientes tendem a ser avaliadas mais negativamente no meio social, inibindo o curso da mudança linguística.

Para Ghessi e Berlinck (2020, p. 112), “a relação entre avaliação e atitude, se coloca então, naturalmente, na medida em que o estudo da avaliação busca compreender os correlatos subjetivos do quadro de variação e das mudanças linguísticas em curso”. Apesar de se assumir que as atitudes estão previstas no comportamento social, é notória a existência de uma lacuna entre o que os falantes dizem que falam (atitudes explícitas) e o que eles verdadeiramente falam (comportamento linguístico).

Segundo Labov (2008[1972], p. 248), as atitudes dos falantes em relação às variáveis linguísticas bem estabelecidas podem ser detectadas por meio de testes de autoavaliação. Para o autor, as respostas das pessoas, quando indagadas sobre sua própria forma de falar, refletem “a forma que elas acreditam gozar de prestígio ou ser a “correta”, mais do que a forma que elas realmente empregam”. Sendo assim, é possível constatar em um teste de autoavaliação quais as formas mais prestigiadas na comunidade de fala, segundo os colaboradores.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 124) destacam que “o nível da consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente”, ou seja, a partir de estudos deste tipo é possível aprofundar o conhecimento de como a categorização discreta se dispõe no processo contínuo de mudança. Os autores também pontuam que avaliações inconscientes sobre falantes de um certo subsistema linguístico determinariam o significado social que se atribuiria ao emprego dessa variedade.

A partir do estudo da avaliação e atitudes linguísticas é possível identificar as influências que estas podem ter sobre as práticas linguísticas. Calvet (2002, p. 65) ressalta que “em face da variação, temos atitudes de rejeição ou de aceitação que não têm, necessariamente influência sobre o modo de expressão dos falantes, mas que certamente têm influência sobre o modo com que percebem o discurso dos outros”. Sendo assim, é possível que o falante estigmatize a produção que ele faz uso sem perceber que é usuário desta forma linguística, devido a sua atitude de rejeição da fala de seus pares, evidenciando sua capacidade de ouvir e fazer inferências sobre a fala do outro.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) as avaliações inconscientes sobre falantes de um certo subsistema linguístico determinariam o significado social que se atribuiria ao emprego dessa variedade. Estudos no campo da percepção, avaliação e atitudes linguísticas podem contribuir para a compreensão dos mecanismos que levam ao preconceito linguístico, como também mostrar o quanto são automáticas e sistemáticas as associações feitas pelos ouvintes sobre determinados usos linguísticos e certos significados sociais (cf. Oushiro, 2021, p. 323). Dessa forma, as avaliações linguísticas são, portanto, parte fundamental da atitude e dizem respeito àquilo que os indivíduos acreditam, pensam a respeito de algo, ou seja, as atitudes incluem uma exteriorização do que se pensa a respeito do que está sendo avaliado.

#### 4 Trajeto metodológico

Como já foi exposto, o objetivo deste trabalho é observar as atitudes linguísticas de santanenses no que se refere à sua própria fala, especialmente no que diz respeito à palatalização progressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/. Vale ressaltar que os dados analisados aqui fazem parte da amostra de Pelayes (2022)<sup>1</sup>, que estudou o fenômeno da palatalização progressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em Santana do Ipanema, Alagoas, sob uma perspectiva de produção. Sendo assim, não foram analisados os dados que direcionavam os colaboradores sobre o seu próprio uso linguístico e de seus pares.

O fenômeno variável da palatalização progressiva foi colocado na dimensão avaliativa, já que é a partir dele que verificamos, neste trabalho, nos testes de atitudes linguísticas, as reações positivas e negativas dos santanenses em relação à palatalização progressiva. Destacamos, portanto, que, nesta pesquisa, entendemos atitudes linguísticas como uma disposição valorativa dos falantes sobre os fenômenos linguísticos, no nosso caso, sobre a palatalização progressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/.

O método utilizado na coleta de dados, para fins de avaliação e atitudes linguísticas, foi de abordagem direta. Os estudos em abordagem direta têm acesso direto às atitudes a partir de uma metodologia comparativa entre o que se “fala e avalia” do que se “produz”. De acordo com

---

<sup>1</sup> Os dados utilizados nesta pesquisa fazem parte da amostra de Pelayes (2022), a qual foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), subordinado à CONEP (Ministério da Saúde) – Número CAAE: 53353621.7.0000.5208.



Oushiro (2021, p. 325) “uma das principais dificuldades no estudo de avaliações e percepções é o fato de que, nesse campo, lida-se com subjetividades, mas, como em qualquer pesquisa científica, o pesquisador deve analisar seu tópico do modo mais objetivo possível”.

Sendo assim, na assunção dos estudos diretos, o falante tem mais ou menos consciência sobre o que está sendo perguntado. É interessante destacar que as questões abordadas na coleta de dados fazem parte de um recorte de pesquisa sociolinguística, em que foram abordados temas diversos, dentre eles, questões de cunho avaliativo, que serão descritos e analisados aqui.

Para a coleta de dados foram feitas entrevistas semiestruturadas sobre temas variados com 20 colaboradores santanenses com ensino superior completo, estratificados por sexo: masculino e feminino; em duas faixas etárias: 22 a 48 e mais de 55 anos. O recorte que analisamos aqui foi dividido em dois blocos: o primeiro bloco é composto por cinco questões sobre avaliação da diversidade linguística do PB; e o segundo bloco, composto por quatro questões sobre a autoavaliação de uso sobre a palatalização regressiva e a progressiva.

O objetivo das perguntas é observar se os falantes santanenses têm consciência da diversidade linguística brasileira e do seu próprio uso, bem como compreender a opinião dos colaboradores acerca do fenômeno da palatalização, analisando sua avaliação em comparação com o seu uso.

## 5 Análise dos dados

Os dados são apresentados em dois blocos, respeitando a sequência da entrevista aplicada. Primeiramente, abordamos as questões relacionadas à consciência linguística dos colaboradores quanto à diversidade linguística do PB; em seguida, abordamos as questões sobre autoavaliação do próprio uso da palatalização em comparação com seu uso efetivo.

### 5.1 Consciência da diversidade linguística do PB

Para a análise da consciência da diversidade linguística do PB, os colaboradores expuseram sua opinião quanto às variedades sonora e lexical do PB, como também externaram o que lhes chama a atenção na fala das outras pessoas. Para tanto, os colaboradores foram

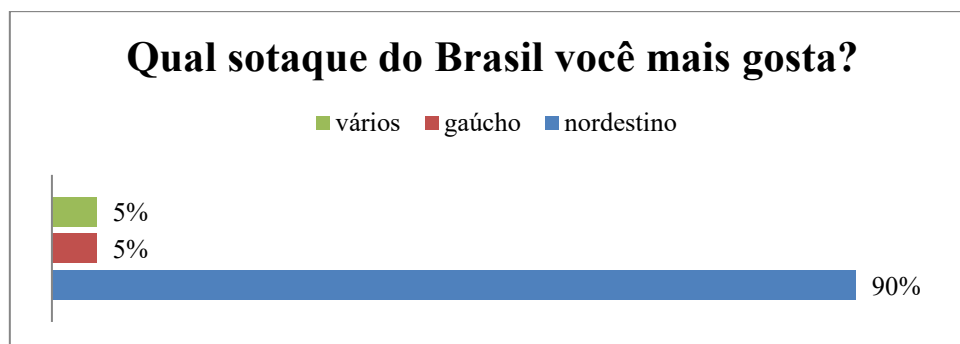


indagados diretamente sobre aspectos relacionados à língua a partir de cinco questões que abordam a diversidade linguística do PB em relação aos sotaques, a saber:

1. Qual o sotaque do Brasil que você mais gosta? Por quê?
2. E qual sotaque mais irrita? Por quê?
3. Você acha que existe diferença de sotaque dentro de Alagoas?
4. Você presta atenção no jeito que as pessoas falam?
5. Quando os outros falam, o que te chama à atenção de uma forma especial?

Ao serem questionados sobre qual seria o sotaque do Brasil que os informantes mais gostavam 90% sinalizaram que preferiam o sotaque nordestino contra 5% para sotaque gaúcho e 5% para outros sotaques, conforme podemos ver no gráfico 1. Esse dado parece indicar que, na comunidade, há um sentimento de pertencimento e identidade sobre esta variedade do PB.

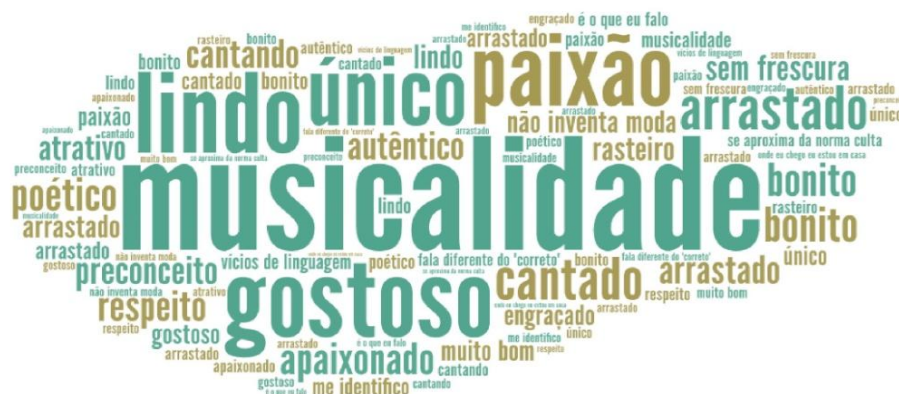
**Gráfico 1 – Avaliação positiva sobre os sotaques do PB.**



Fonte: Elaboração própria

Tomando por base as respostas obtidas sobre a caracterização do sotaque nordestino, geramos a nuvem de palavras apresentada na imagem 1. A avaliação positiva do sotaque nordestino, associada aos valores, bonito, único, cantado, apaixonado, poético, atrativo, nos leva à confirmação do sentimento de pertencimento que os falantes demonstram em relação ao seu próprio uso. No entanto, notamos que mesmo entre palavras de valor positivo, há crenças relacionadas ao “certo” e “errado”, como: fala diferente do “correto”, vícios de linguagem, sofre preconceito, que sinalizam a consciência de desvalorização social que a fala nordestina carrega no âmbito da sociedade brasileira

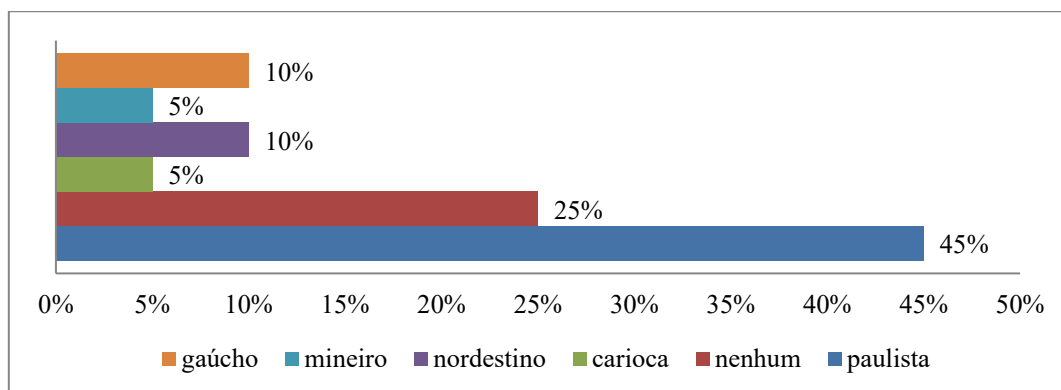
**Imagem 1: Caracterização de preferência do sotaque no PB**



Fonte: Elaboração própria

Com o intuito de observar possíveis crenças ligadas ao modo de falar, perguntamos aos colaboradores sobre o sotaque que mais irritava. Vejamos o gráfico 2 a seguir:

**Gráfico 2 – Avaliação negativa sobre os sotaques do PB**



Fonte: Elaboração própria

Os resultados apontaram para o sotaque paulista como o sotaque que mais irrita os santanenses, com um percentual de 45%. Pudemos notar, a partir das declarações feitas durante as entrevistas, uma atitude não só de rejeição, mas também de defesa dos falantes em direção à fala paulista. Ao analisarmos os motivos pelos quais as pessoas não gostam dos sotaques citados por elas, obtivemos a nuvem de palavras da imagem 2.

**Imagem 2 – Caracterização de não preferência do sotaque no PB.**



Fonte: Elaboração própria

A palavra “chiado” foi a mais comentada em todas as entrevistas. De acordo com os contextos colocados pelos colaboradores, identificamos que essa alteração sonora nomeada de “chiado” se trata do fenômeno da palatalização em contexto fonológico regressivo, como em [tʃ]ia e [dʒ]ia. Apontamentos como “não pertence ao nordestino”, “pessoas que mudam o jeito de falar e renegam suas origens”, estão relacionados, mais uma vez, à identidade que o falante assume em relação à sua variedade. Nesse sentido, a valoração social das formas linguísticas demonstra que não se trata apenas de variação linguística, mas de como os valores estabelecidos determinam o comportamento linguístico dos falantes.

A observação crucial é que não apenas os comportamentos linguísticos e outras estruturas sociais se correlacionam, mas o fazem porque os falantes/ouvintes se conectam mentalmente, seja consciente ou inconscientemente. O significado social, então, é o conteúdo social ligado nas mentes de um determinado falante/ouvinte a um determinado comportamento linguístico<sup>2</sup>. (Campbell-Kibler, 2009, p. 136)

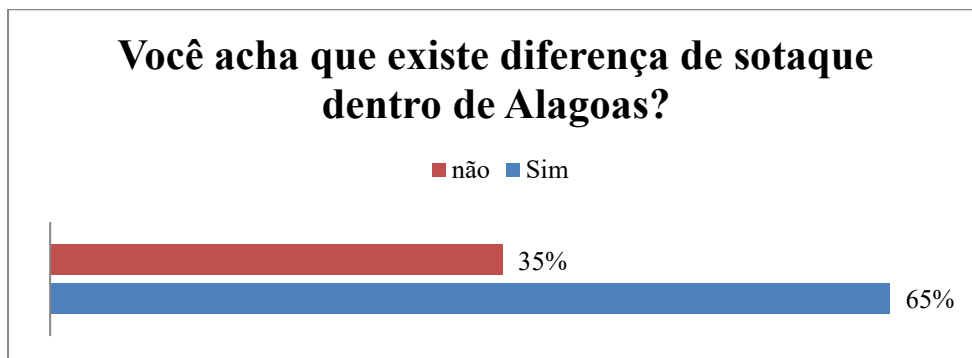
Sendo assim, podemos dizer que os valores negativos apontados nas respostas para caracterizar o falar paulista como: puxado, enjoativo, irritante e chiado, indica que os falantes trazem essa valoração social mental, externando-as através das atitudes linguísticas.

A fim de observar a percepção da diversidade dialetal do estado, perguntamos aos colaboradores se eles achavam que existe diferença de sotaque dentro de Alagoas. O gráfico 3,

<sup>2</sup> No original: The crucial observation is that not only do linguistic behaviors and other social structures correlate, but that they do so because speakers/hearers mentally connect them, whether consciously or unconsciously. Social meaning, then, is social content tied in the minds of a given speaker/hearer to a particular piece of linguistic behavior.

a seguir, mostra que 65% dos colaboradores acreditam que há diferença de sotaque dentro do estado alagoano contra 35% que responderam que não há.

**Gráfico 3 – Percepção da diversidade dialetal em Alagoas**



Fonte: Elaboração própria

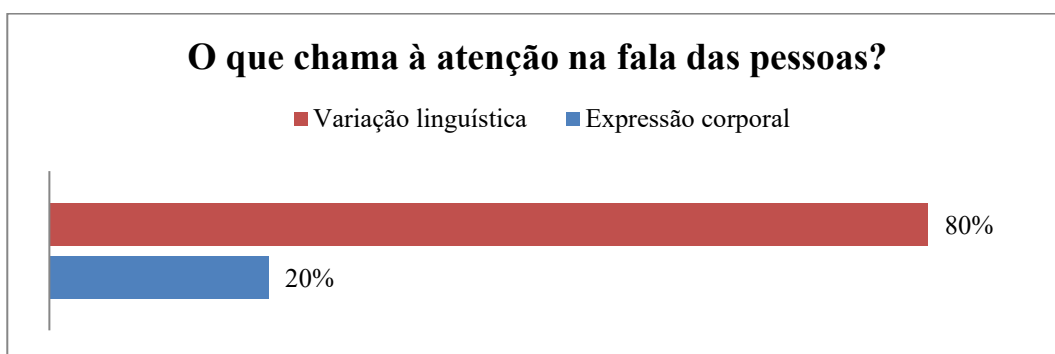
Os informantes santanenses demonstraram a percepção geográfica de realização linguística ao responderem sobre as diferenças de sotaque dentro do estado. Essa percepção faz parte da sua competência linguística como falante do PB que relacionada como seus usos linguísticos interferirão no seu comportamento e nas suas atitudes linguísticas. Sendo assim, podemos dizer que as percepções originam as atitudes linguísticas.

Ao serem questionados sobre quais diferenças seriam essas, as respostas variaram entre diferença lexical, 35%, e diferença sonora, 30%, mas os falantes não souberam dar exemplos concretos das variedades, enquanto 35% não souberam responder.

As últimas perguntas deste bloco tiveram o objetivo de observar o julgamento no que diz respeito à fala dos outros. Com relação ao fato de se prestar ou não a atenção nas falas dos outros, o resultado foi categórico, apresentando 100% de respostas positivas, ou seja, todos os colaboradores assumiram prestar a atenção na fala dos outros.

Quando questionados sobre o que chama à atenção de forma mais específica, observamos que a maioria, a saber, 80% dos entrevistados dão uma atenção especial à variação linguística do seu interlocutor, como podemos ver no gráfico 4.

**Gráfico 4 – Avaliação da fala dos outros**



Fonte: Elaboração própria

Constatamos, de igual forma, uma série de julgamentos e crenças no que diz respeito ao falar “certo” ou “errado”, como nos exemplos que seguem:

- (1) Ah tem deles que fala, acho que às vezes não sabe ler né. E falam errado e também às vezes não sabe ler. E tem muita gente que não sabe ler e procura se espelhar em quem sabe e fala correto – informante 20
- (2) Eu gosto muito da pessoa que fala correto, não enfeitar a língua portuguesa. Eu acho que ele deve falar corretamente. Como a língua portuguesa é – informante 16
- (3) Às vezes o nordestino fala diferente do da palavra correta – informante 14

De acordo com López Morales (1993) a crença se baseia no conhecimento linguístico, seja ele advindo da competência ou da consciência linguística, e nas percepções de estereótipos, ou seja, numa implicação de quais são as formas percebidas como prestigiadas pela maioria da comunidade linguística. Nesse sentido, as atitudes apresentadas em relação ao dialeto não-padrão refletem a estrutura social da comunidade, ao tempo que os valores sociais são refletidos por meio de julgamentos às variedades linguísticas.

## 5.2 Autoavaliação do próprio uso linguístico

O bloco de perguntas que objetivam observar a autoavaliação dos falantes quanto aos seus próprios usos linguísticos é composto por quatro perguntas que se relacionam diretamente ao fenômeno linguístico da palatalização, em contexto fonológico regressivo e progressivo, a fim de identificar os valores de prestígio e estigma social relacionados às variantes, bem como contrapor os resultados de autoavaliação com os dados de produção obtidos na pesquisa de

PELAYES (2022), uma vez que os dados analisados aqui são um recorte da pesquisa supracitada. Os questionamentos feitos neste bloco foram os seguintes:

- 1 – Você acha que fala mais tia, dia ou [tʃ]ia e [dʒ]ia?
- 2 – Você acha que é um é mais fácil que o outro para falar?
- 3 – Você acha que fala mais oito, doido ou oi[tʃ]o e doi[dʒ]o?
- 4 – Você acha que um é mais fácil que o outro para falar?

Ao analisar a percepção da própria fala quanto ao uso da palatalização regressiva em palavras como [tʃ]ia e [dʒ]ia, obtivemos um resultado categórico, ou seja, todos os colaboradores afirmaram que não fazem uso da variante palatalizada. Este resultado corrobora a afirmação de Oliveira (2017) de que a produção palatalizada em contexto regressivo é pouco produtiva. Os informantes demonstraram através de suas atitudes linguísticas que a variante regressiva não pertence à variedade da sua região, como no exemplo (4).

- (4) Eu já tentei uma tendência, falar essas segundas com [dʒi] e [tʃi] mais percebi que era do local onde eu estava convivendo – informante 1

Algumas atitudes apontaram para uma valoração social de prestígio para a variante regressiva, como no exemplo (5). No entanto, alguns apresentaram uma atitude de rejeição da variante como forma de indicação de não pertencimento, como nos exemplos (6), (7) e (8):

- (5) O [tʃ] parece causar mais impacto – informante 6  
(6) Sem o chiado – informante 5  
(7) Sem o “h” no meio – informante 9  
(8) Negócio de chiando não – informante 10

Quando questionados sobre uma forma ser mais fácil de usar que a outra forma, a maioria das pessoas, a saber, 85% acham que não, como mostra o gráfico 5.

**Gráfico 5 – Avaliação da palatalização regressiva**

### **Você acha que uma forma é mais fácil de falar que a outra?**

■ Não ■ Sim



Fonte: Elaboração própria

Observamos que não há um julgamento negativo no que diz respeito à variante regressiva, apenas um sentimento de não pertencimento de uso. Esse dado confirma a constatação de Vitório (2020, p.217) de que “apesar de predominar uma avaliação mais neutra, a palatalização regressiva é avaliada mais positivamente”.

No que diz respeito à autoavaliação de uso da variante palatalizada em contexto progressivo, como oi[tj]o e doi[dʒ]o, os resultados obtidos também foram categóricos, uma vez que todos os participantes assumiram não fazer uso dessa variante linguística. Essa reação corrobora a afirmação de (LABOV, 2008 [1972], p. 137), “o tipo radical de reação tudo-ou-nada característico das unidades fonêmicas será encontrado não tanto no desempenho, porém muito mais na avaliação”.

É interessante destacar que os resultados de autoavaliação para essa variante não condizem com o real uso da comunidade de fala, uma vez que os dados de produção obtidos por Pelayes (2022) apontaram para um uso de 14,8% da palatalização progressiva em Santana do Ipanema, ou seja, as pessoas usam, mas não assumem este uso, indicando uma desvalorização social da variante progressiva.

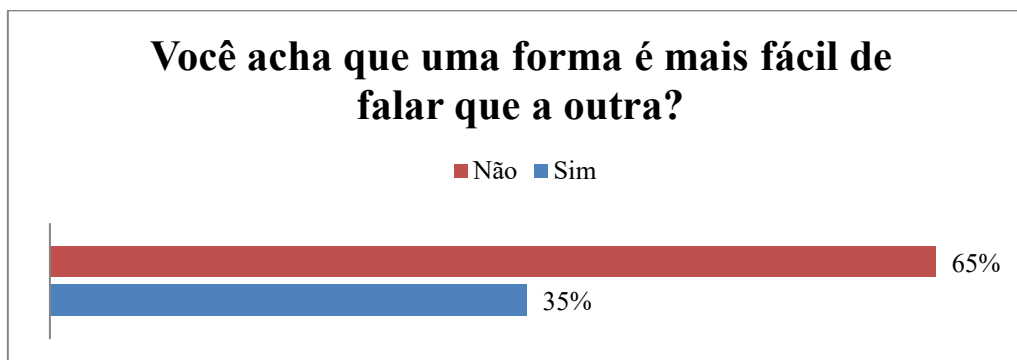
Outro fato curioso em relação ao estudo de avaliação descrito aqui, é que as variáveis sociais sexo e idade não interferiram no processo avaliativo, ou seja, as respostas foram uniformes, enquanto nos dados de produção, os colaboradores mais velhos, ou seja, acima de 52 anos, demonstraram maior uso da variante palatalizada em Santana do Ipanema com um percentual de 15,8% em comparação com os colaboradores mais jovens, a saber, de 22 a 48 anos, os quais obtiveram um percentual de uso de 5,8% para a variante palatalizada.

Quanto à facilidade de produção da variante progressiva, os resultados foram diferentes da variante regressiva, conforme observamos no gráfico 6. Os dados mostram que menos



peessoas acharam que não há diferença de uso quanto à facilidade de produção, a saber, 65% em comparação com a variante regressiva, que apresentou 85%. Vale destacar que a variante considerada “mais fácil” foi a oclusiva, em ambos os casos.

**Gráfico 6 – Avaliação da palatalização progressiva**



Fonte: Elaboração própria

Também observamos uma avaliação negativa no que diz respeito à variante progressiva, uma vez que, além de os falantes assumirem o uso da variante oclusiva, caracterizaram-na como “normal”, o que infere que a variante progressiva seja um uso “anormal”, como nos exemplos (9) e (10).

(9) normais né sem o [j] – informante 1

(10) eu falo normal, oito, doido – informante 14

Um dado curioso sobre as declarações acima é que a diferença entre os informantes (1) e (14) era somente a idade, ou seja, eram dois homens com o mesmo grau de escolaridade e apesar de ambos avaliarem que não usam a variante palatalizada, o informante (1), o mais jovem, apresentou um percentual individual de palatalização de 10,18% enquanto o informante (14), o mais velho, apresentou um percentual de 29,23%, confirmando, mais uma vez uma maior produtividade de palatalização em pessoas mais velhas.

Dessa forma, os julgamentos que ocorrem quanto ao processo de palatalização progressiva revelam um comportamento social discriminatório que afeta o uso das variantes linguísticas envolvidas no processo. Vejamos os exemplos (11), (12), (13) e (14), a seguir:

(11) tem gente que fala oi[tʃ]o mesmo né oi[tʃ]o mesmo claro, entende que tem um ‘H’ ali ou que tem num sei porque não existe né. [tʃ]io e oi[tʃ]u é diferente né. É diferente a origem desse oito. – informante 1

- (12) Não, aí é totalmente irregular né. Se você, se é oito é oito, não existe oi[tʃ]o, na língua portuguesa não tem esse th, tho para ser oi[tʃ]o – informante 17
- (13) Eu jamais falaria oi[tʃ]o – informante 12
- (14) Sofre um pouco de preconceito porque é particular alagoano falar – informante 19

A partir dos exemplos em destaque, confirmamos o julgamento discriminatório em direção à variante progressiva, como nos exemplos (11), (12) e (13), ao mesmo tempo que capturamos a percepção do estigma que envolve esta variante, demonstrado no exemplo (14).

Assim, é possível afirmar que o processo de palatalização é julgado pela comunidade santanense e recai sobre as variantes africadas – resultado do processo de palatalização – avaliações negativas que resultam em preconceitos e discriminações ao falante.

## 6 Conclusões

É possível identificar que os resultados desta pesquisa apontam para a existência de diferença na valoração social que envolve a variante palatalizada, em contexto regressivo e progressivo e a variante oclusiva, sendo esta última a preferida e assumida pelos falantes da comunidade estudada. Além do mais, é possível identificar julgamentos negativos no que tange às duas variantes palatalizadas.

A comunidade demonstrou que a variante palatalizada em contexto regressivo não faz parte de seu repertório de uso, sendo tomada ainda como uma forma de distanciamento do seu lugar de fala, ou melhor, de seu lugar de pertencimento linguístico. No que se refere à variante palatalizada em contexto progressivo, observamos julgamentos negativos e estranhamentos, além de rejeição do uso, como “não existe oi[tʃ]o” e “eu jamais falaria oi[tʃ]o”.

Através da comparação dos resultados de autoavaliação quanto à variante progressiva e os resultados de produção de Pelayes (2022) em Santana do Ipanema, constatamos uma discordância no que diz respeito ao que os falantes assumem que produzem, uma vez que a totalidade diz não fazer uso da variante progressiva, mas 14,8% deles o faz, revelando que dados de percepção não condizem com dados de produção.

É curioso observar que além de os falantes assumirem que estigmatizam a variante progressiva, demonstram a consciência linguística de que esta forma sofre preconceito frente à sociedade, o que parece revelar que estamos diante de estereótipo negativo na comunidade.

#### CRedit

**Reconhecimentos:** Não é aplicável.

**Financiamento:** Não é aplicável.

**Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

**Aprovação ética:** A pesquisa foi submetida e aprovada no Comitê de Ética da Universidade UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Processo n. 53353621.7.0000.5208, Parecer n.: 5.193.543.

**Contribuições dos autores:**

PELAYES, Geicilayne Tavares. Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

VITORIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

#### Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Tradução de Stella M. Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário R. Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. In: *Language Variation and Change*, V. 21. 2009. 135–156.

DA SILVA, M. R; GOMES, A. A. DE A. O papel das atitudes linguísticas nos estudos variacionistas e de contato dialetal no PB. *Cuadernos de la Alfal*. n. 12, p. 53-70, 2020.

FERREIRA, C. S. S. *Percepções dialetais e atitudes linguísticas: o método da Dialectologia perceptual e as suas potencialidades*. Textos selecionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. APL. Lisboa, 2009.

FREITAG, R. M. K; SEVERO, C. G; ROST-SNICHELOTTO, C. A; TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as letras*. v. 18, n. 2, p.64-84, 2016.

GHESSI, R. R; BERLINCK, R. DE A. Avaliação, atitudes, crenças linguísticas e o ensino de Língua Portuguesa: uma reflexão a partir de testes com professores de Ensino Médio. *Entre Línguas*. Araraquara, v. 6, n. 1, 2020.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherreer Caroline R. Cardoso. Parábola Editorial: São Paulo, 2008.

LÓPEZ, M. H. *Sociolingüística*. Editorial Gredos: Madrid, 1993.

OLIVEIRA, A. A; OLIVEIRA, A. J. de. Variação diatópica e o processo de mudança na valorização social da palatalização progressiva em Alagoas. *Alfa*. São Paulo. v.65, 2021.

OUSHIRO, L. Avaliações e percepções sociolinguísticas. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 50, n. 1, p. 318-336, 2021.

PELAYES. *A palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ no município de Santana do Ipanema, Alagoas*. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

RIBEIRO, C. C. DE S; CORRÊA, T. R. DE A. Avaliação social da palatalização de /t,d/ em Sergipe. *A cor das Letras*. Feira de Santana, v. 19, n. Especial, p. 108-123, 2018.

SALES, G; DA SILVEIRA, E. F. B. Percepção sociolinguística da palatalização de /t/ e /d/ próximos a ditongo no Rio Grande do Norte. (Con) *Textos Linguísticos*. Vitória, v. 16, n. 34, p. 106-125, 2022.

SERRA, F. P; RAMOS, C. DE M. DE A. “Aqui não se fala assim não”: percepções avaliativas acerca da dupla negação no falar maranhense. (Con) *Textos Linguísticos*. Vitória, v. 16, n. 34, p. 165-184, 2022.

SOUZA-SILVA, A. L; DE LUCENA, R. M. Análise das atitudes linguísticas de falantes bananeirenses em relação ao seu próprio falar. (Con) *Textos Linguísticos*. Vitória, v. 16, n. 34, p. 34-53, 2022.

UALT, A; MOZILLO, I; LIMBERGER, B. Consciência sociolinguística: uma revisão do conceito com base em estudos brasileiros e estrangeiros. (Con) *Textos Linguísticos*. Vitória, v. 16, n. 34, p. 243-260, 2022.

VITÓRIO. Acessando o significado social da palatalizacao /t, d/. (Con)*Textos Linguísticos*. Vitoria, v. 14, n. 29, p. 208-226, 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Parábola Editorial: São Paulo, 2006 [1968].